

**ANÁLISE DO PROJETO DE REABILITAÇÃO DO CASINO DE OFICIAES DO CENTRO  
CLANDESTINO DE DETENCIÓN, TORTURA Y EXTERMÍNIO DE LA ESCUELA DE  
MECÁNICA DE LA ARMADA – ESMA. BUENOS AIRES/ARGENTINA**  
ANALYSIS OF THE REHABILITATION PROJECT OF THE CASINO DE OFICIALES OF THE  
CENTRO CLANDESTINO DE DETENCIÓN, TORTURA Y EXTERMÍNIO DE LA ESCUELA DE  
MECÁNICA DE LA ARMADA – ESMA. BUENOS AIRES/ARGENTINA

Cristiano Gehrke

Vol. XIV | n°27 | 2017 | ISSN 2316 8412



# **Análise do projeto de reabilitação do Casino de Oficiales do Centro Clandestino de Detención, Tortura y Extermínio de la Escuela de Mecánica de la Armada – ESMA. Buenos Aires/Argentina**

Cristiano Gehrke<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente ensaio tem como objetivo fazer uma breve análise sobre o processo de reabilitação e a transformação em um museu de sítio do antigo Casino de Oficiales do Centro Clandestino de Detención, Tortura y Extermínio de la Escuela de Mecánica de la Armada – ESMA, localizado na cidade de Buenos Aires/Argentina.

**Palavras-chave:** Restauração; Reabilitação; ESMA.

**Abstract:** The present paper aims to give a brief analysis of the rehabilitation process and its transformation into a site museum of the ancient Casino of Officers of the Clandestine Center for Detention, Torture and Extermination of the School of Mechanics of the Navy – ESMA, situated in Buenos Aires City in Argentina.

**Keywords:** Restoration; Rehabilitation; ESMA.

## **IDENTIFICAÇÃO**

O presente ensaio tem como objetivo fazer uma breve análise sobre o processo de reabilitação do antigo Casino de Oficiales do Centro Clandestino de Detención, Tortura y Extermínio de la Escuela de Mecánica de la Armada – ESMA (Casino de Oficiais do Centro Clandestino de Detenção, Tortura e Extermínio da Escola de Mecânica da Armada -ESMA), localizado na cidade de Buenos Aires, Argentina. Considerada, atualmente, como uma “evidência do terrorismo de Estado” e “prova material” em diferentes processos judiciais pelos crimes de lesa-humanidade que ocorreram neste local, é apenas um dos outros quinze espaços que compõe um complexo localizado em uma área de cerca de 17 hectares, denominado Espacio Memoria y Derechos Humanos/ESMA (Espaço Memória e Direitos Humanos/ESMA), criado no ano de 2004, com o objetivo de “homenagear as vítimas do terrorismo de Estado, preservar a memória e defender a promoção dos direitos humanos”<sup>2</sup>.

A ESMA foi um dos mais emblemáticos centros clandestinos de detenção do país durante a última ditadura cívico militar. Neste local funcionou, entre os anos 1976 e 1983, a base operativa do centro clandestino de detenção, tortura e extermínio. Cerca de 5.000 homens e mulheres passaram por este local na condição de presos políticos, onde eram submetidos a seções de tortura, muitas vezes seguidas de morte, quando eram lançados, em alguns casos ainda vivos, no mar a bordo dos chamados “vuelos de la muerte” (voos da morte). De acordo com informações presentes nos painéis que compõe o espaço

<sup>1</sup> Doutorando em Memória Social e Patrimônio Cultural. Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Brasil; Universidad de Buenos Aires (UBA), Argentina. Bolsista através da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Brasil.

<sup>2</sup> <http://www.cels.org.ar/esma/historia.html>

expositivo, foram presos e torturados “militantes políticos e sociais, de organizações revolucionárias armadas e não armadas, trabalhadores e participantes de agremiações, estudantes, profissionais, artistas e religiosos”. Além dos sequestros e assassinatos sistemáticos, foi neste local que nasceram inúmeras crianças que foram separadas de suas mães, ilegalmente apropriadas por outras famílias, sendo um dos objetivos da associação das Abuelas de la Plaza de Mayo (Avós da Praça de Maio) a identificação destas crianças e a restituição às suas verdadeiras famílias, processo que no ano de 2016 levou a 121 reencontros.

Em maio de 2015, o edifício onde funcionava o Casino de Oficiais foi inaugurado como Sitio de Memória. Este espaço possui uma proposta museográfica baseada nos testemunhos orais de sobreviventes que passaram pelo local na condição de “detenidos” (detentos), testemunhos obtidos entre os anos de 1984 e 1985 na CONADEP<sup>3</sup> e nos Juízos iniciados no ano de 2003, além de uma vasta documentação proveniente de diferentes organismos e instituições que têm como objetivo estudar este período da história da Argentina.

O espaço está aberto de quarta-feira a domingo, podendo ser percorrido de forma autônoma ou com o acompanhamento de um guia. A visita tem duração de 90 minutos e são oferecidas visitas guiadas nos idiomas espanhol e inglês. Está proibida a entrada de crianças menores de 12 anos ao edifício devido ao conteúdo das mostras; jovens de 12 a 15 anos somente entram mediante o acompanhamento de um adulto.

O edifício é composto por 17 salas de exposição. Na entrada existe uma espécie de alpendre, com paredes envidraçadas nas quais estão reproduzidas fotografias de alguns dos desaparecidos políticos. Ingressando ao prédio, há um espaço onde o visitante é recepcionado e informado sobre as regras de visitação, bem como é conduzido, se for o caso, a deixar mochilas e bolsas num espaço adequado.

A primeira sala de exposição - “Sala Contexto Histórico” - está localizada no antigo salão de recreação dos oficiais. Atualmente a sala está desprovida de qualquer mobiliário. Em suas aberturas foram instaladas cortinas que têm como objetivo diminuir a incidência de luz natural no espaço de forma a possibilitar uma melhor visualização das projeções que ocorrem em três das quatro paredes do salão. As projeções são realizadas diretamente sobre as paredes e mostram ao visitante um pouco mais sobre o processo histórico que culminou com a ditadura civil militar argentina. O material utilizado nas projeções são trechos de películas do período com os áudios originais, fotografias e recortes de reportagens de jornais e revistas, procurando mostrar quais foram os antecedentes e quais fatores que permitiram a implantação do período militar naquele país.

---

<sup>3</sup>Conforme o sítio eletrônico [www.derechoshumanos.net](http://www.derechoshumanos.net), o CONADEP ou *Comisión Nacional sobre la Desaparición de Personas* (Comissão Nacional para o Desaparecimento de Pessoas) foi uma comissão criada em dezembro de 1983 pelo presidente argentino Raúl Alfonsín e tinha como objetivo não realizar julgamentos, mas sim, investigar as “graves, reiteradas e planificadas violações de direitos humanos” levadas a cabo durante os anos de 1976 e 1983. Ao longo do processo, foram coletadas centenas de declarações e testemunhos de sobreviventes e familiares de desaparecidos, momento em que se verificou a existência de centenas de lugares clandestinos de detenção em todo o país.



**Figura 01:** Instalação em frente ao Complexo ESMA.



**Figura 02:** Fachada do ex Casino de Oficiais



Figura 03: Sala Contexto Histórico



Figura 04: Sala Historia de la ESMA

O segundo espaço expositivo é o antigo refeitório dos oficiais, atualmente a “Sala Histórica de la Esma” (Sala Histórica da ESMA). Neste espaço estão instaladas estruturas de concreto que sustentam painéis de vidro, os quais criam um corredor na sala e orientam os visitantes quanto ao percurso a ser

seguido. Tais painéis apresentam textos com o histórico de formação da Escola Superior da Mecânica Armada. Além do conteúdo escrito, existem reproduções de fotografias que mostram o funcionamento da instituição e mapas que indicam qual era a área de atuação dos profissionais alocados na ESMA.

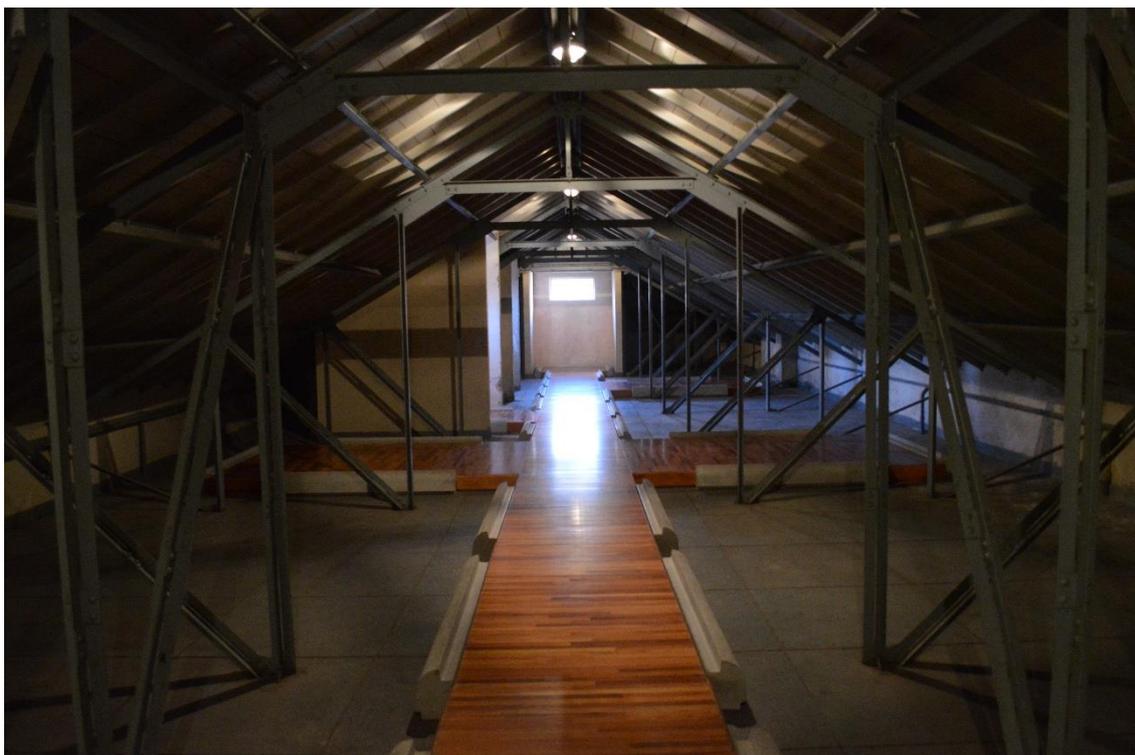
A terceira sala, antiga cozinha do espaço, é a atual “Sala Juicios” (Sala dos Juízos), um espaço que no momento da visita estava em reparos e fechado à visitação. A quarta sala é na verdade o Hall Central do edifício e nele o visitante é conduzido ao segundo pavimento. Aqui estão presentes orientações gerais para os visitantes, tais como o fato de o edifício ser considerado uma prova material dos crimes contra a humanidade praticados durante a ditadura. Além disso, estão presentes nos painéis que existem neste espaço, orientações aos visitantes para que estes obedeçam certas normas de circulação para auxiliar a conservação do sítio. Os painéis informam ainda quais espaços serão conhecidos em seguida.

A quinta sala, localizada no segundo pavimento é, na verdade, apenas um pequeno corredor que contém painéis que informam ao visitante que este andar não é aberto à visitação pelo fato de estar em processo de remodelação. Os painéis informam sobre a utilização original do espaço. Neste local, originalmente estavam localizados os dormitórios dos Oficiais da Armada.

Já no terceiro piso, ou seja, o sótão, temos a sexta sala de exposição denominada “Capucha” (Capa), que era o local de reclusão dos prisioneiros. Neste local, os presos eram colocados sobre pequenos colchonetes, suas mãos e pés eram amarrados e seus rostos eram cobertos por pedaços de tecido chamados de capucha, daí o nome da sala. Ali os presos não eram reconhecidos pelos seus nomes, mas sim por números. Este espaço, localizado no sótão do edifício, possui apenas pequenas aberturas que permitem pouca entrada de luz natural. A descrição destas janelas está presente em muitos dos depoimentos de sobreviventes, cujas gravações são projetadas nas paredes. Nos depoimentos, os ex-prisioneiros descrevem a Capucha, falam sobre a alimentação, sobre a higiene pessoal.

A sala permite que sejam visualizadas todas as estruturas que sustentam o telhado e o caminho percorrido pelo visitante é um corredor de madeira instalado sobre o piso. No início do percurso há quatro painéis com informações sobre as atividades desenvolvidas naquele local. Existem também reproduções de fotografias que mostram como o ambiente foi encontrado quando o edifício foi expropriado, além de objetos que teriam sido utilizados pelos prisioneiros naquele local, tal como algemas.

O restante da sala é desprovido de qualquer imagem, texto ou som. O visitante é conduzido apenas a observar a estrutura do edifício. O objetivo, conforme os idealizadores do processo expográfico, é que a visualização do espaço se aproxime o mais possível de como os prisioneiros encontravam o espaço quando trazidos para este local.



**Figura 05:** Capucha

A sétima sala de exposição, denominada “Capuchita” (Capinha), contígua ao espaço anteriormente descrito, é uma pequena sala onde ocorria a tortura dos prisioneiros. Neste espaço há painéis que descrevem as torturas a que eram submetidos enquanto passavam por interrogatórios.

A oitava sala conhecida como “Pieza de embarazadas” (Sala das grávidas), era originalmente o local onde ficavam presas as mulheres grávidas. Existe na sala um painel com mais informações sobre a prática do roubo sistemático de crianças, bem como uma breve descrição de todo o processo, no qual as mulheres eram presas grávidas e permaneciam assim até darem à luz aos seus filhos. Uma vez nascida a criança, esta permanecia com a mãe por alguns dias. Em seguida, a mãe era conduzida aos voos da morte e a criança encaminhada para “adoção”.

Os materiais informativos presentes na sala dão conta da existência de uma estrutura e uma equipe composta por médicos e enfermeiros responsáveis em realizar os partos e a separação destas crianças de suas famílias. A sala é bastante reduzida, contém uma janela, e no chão existe em alto relevo uma emblemática frase dita por uma ex-prisioneira: “Como é possível que neste lugar nasceram crianças?”.

A nona sala são os banheiros que eram utilizados pelos oficiais e, eventualmente, pelos prisioneiros. Quando confinados na Capucha, os prisioneiros eram obrigados a fazer as necessidades fisiológicas em baldes.



**Figura 06:** Pieza de embarazadas.

A décima sala, o “Pañol” (Despensa), era o espaço onde ficavam armazenados os bens dos prisioneiros que eram confiscados no momento de sua prisão. Na entrada, vemos um painel com mais explicações e, em seguida, o visitante é conduzido por uma passarela. Ao longo do caminho veem-se projetados sobre a parede/telhado fotografias de como seria a aparência original deste espaço. É possível distinguir entre as pilhas de livros e documentos (que eram a grande maioria dos bens apreendidos) máquinas de escrever e, até mesmo, alguns brinquedos.



**Figura 07:** Pañol



**Figura 08:** Pecera.



**Figura 09:** Casa del Almirante

A sala número onze, conhecida como “Pecera” (Aquário), era um lugar de reclusão e de trabalho forçado dos prisioneiros. Painéis explicativos com reproduções de matérias veiculadas na imprensa nacional e internacional do período dividem o espaço em diferentes setores. Estão presentes ainda algumas cadeiras, que de certo modo convidam o visitante a sentar-se para observar os painéis, mas um ruído constante e perturbador de pessoas trabalhando em máquinas de escrever domina o espaço e faz com que o visitante perca a vontade de permanecer neste espaço.

No final da sala existe uma escada que conduz o visitante ao piso inferior. De lá, ele é orientado a seguir até a sala número doze, conhecida como “Los Jorges” (Os Jorges), nome que, provavelmente, se

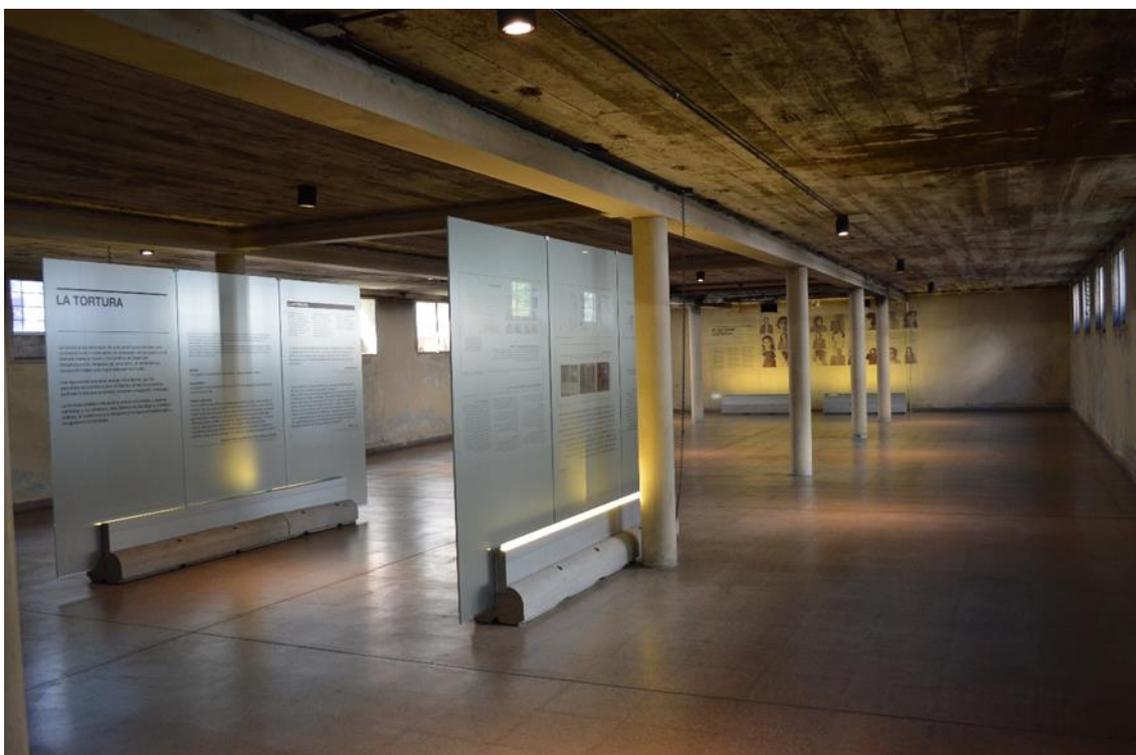
deve ao fato de ser este o escritório do antigo Grupo de Tareas (Grupo de Tarefas), sendo que três dos quatro antigos diretores tinham o nome de Jorge.

A sala número treze, ou “Casa del Almirante” (Casa do Almirante), era a antiga residência dos diretores da ESMA. Estão ali uma pequena cozinha e uma sala com painéis que falam mais sobre a função original do espaço. Existem 4 salas que estão fechadas à visitação e outras duas que estão em processo de reparação. De lá o visitante é conduzido para a sala número catorze, o chamado “Sótano” (Porão), que é mais um local no qual os prisioneiros eram torturados. Este local também servia como espaço para realização de trabalhos forçados.

A sala possui uma série de vigas aparentes e em uma das laterais há um pequeno espaço onde são projetadas imagens, diretamente na parede, de depoimentos de ex-prisioneiros. Num dos cantos há uma indicação de um antigo elevador que existia no edifício, mas que em 1979 foi ocultado por uma parede falsa, quando ocorreu uma inspeção da Comissão Interamericana de Direitos Humanos. A descoberta deste elevador ocorreu somente em 2010.

Originalmente a sala tinha pouca ventilação e pouca iluminação natural. Grandes lâmpadas fluorescentes e grande umidade tornavam o local ainda mais insalubre. Este era o último lugar por onde passavam os prisioneiros antes de serem enviados para os vuelos de la muerte.

Nesta sala existem painéis que falam sobre as torturas que ali ocorriam e estão instalados aparelhos sonoros que reproduzem uma narrativa do processo de tortura e de morte que era orquestrado neste espaço.



**Figura 10:** Sótano

Na lateral do Sótano existe uma pequena escada que leva a um corredor que dá acesso a um pátio externo, local onde está a décima quinta sala. A sala é apenas um pequeno corredor, coberto por uma estrutura metálica e todo envidraçado. O final do corredor é uma pequena torre, também de vidro, que simboliza o último destino dos prisioneiros que eram levados à ESMA. Nas paredes deste corredor estão dispostas informações sobre os Traslados ou os “Vuelos de la Muerte”. Traslados era um eufemismo utilizado para referir-se ao desaparecimento definitivo dos prisioneiros através de seu assassinato, ocultação do crime e do corpo, uma vez que estes, ainda no Sótano, recebiam uma injeção de pentotal, uma substância que deixava as vítimas adormecidas e logo depois eram lançados no mar por aviões. A frequência de saídas deste voos podia ser semanal ou mensal, conforme a necessidade.



**Figura 11:** Traslados

A décima sexta sala, conhecida como “Salón Dorado” (Salão Dourado), era originalmente o antigo salão de cerimônias da ESMA. Atualmente existem neste local uma série de painéis que trazem uma visão

geral sobre o período ditatorial na Argentina. São feitas ainda observações sobre questões burocráticas do regime, sobre os locais onde funcionaram centros clandestinos de prisão e tortura, e números de vítimas. Além disso, são dadas informações sobre os arquivos onde podem ser encontrados documentos do período. A exemplo da primeira sala de exposição, as aberturas também foram adaptadas para que seja menor a incidência de luz natural e sobre as paredes são projetadas imagens.

Do salão, somos conduzidos a um segundo pátio externo onde localiza-se a saída do edifício. Neste local, conhecido como “Plaza Memoria, Verdad y Justicia” (Praça Memória, Verdade e Justiça), está uma instalação onde, tanto na lateral como na parte superior, estão reproduzidas fotografias de diferentes marchas que ocorreram na Argentina, exigindo o julgamento dos responsáveis pelos crimes cometidos durante o período de 1979 e 1983. Dentre as fotografias, destacam-se algumas nas quais podemos ver mulheres do grupo de Madres de la Plaza de Mayo (Mães da Praça de Maio).



**Figura 12:** Plaza Memoria, Verdad y Justicia

### **ANÁLISE DO PROJETO DE REABILITAÇÃO**

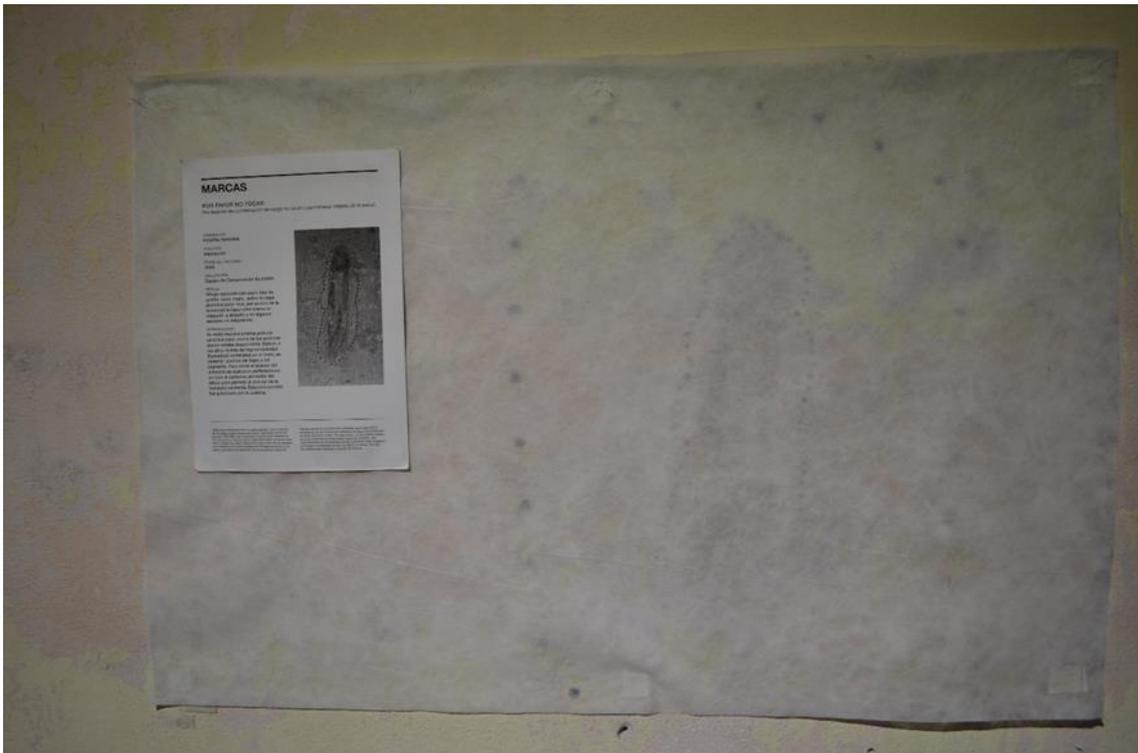
Ao longo do espaço expositivo, há uma série de painéis que deixam claro os objetivos das intervenções realizadas no espaço. Vejamos um exemplo:

“este edifício, sitio histórico e prova judicial, se encontra no estado de conservação do momento de sua recuperação. As intervenções realizadas respondem aos princípios básicos da conservação patrimonial: mínima intervenção; máxima retenção de materiais originais, reversibilidade; detenção da deterioração, atualização das instalações, adequação de acessibilidade e manutenção geral”.

Esta série de intervenções efetuadas podem ser consideradas como uma obra de reabilitação, uma vez que, de acordo com Henriques (1991), reabilitação é o conjunto de operações destinadas a aumentar os níveis de qualidade de um edifício, de forma a atingir a conformidade com exigências funcionais mais severas do que aquelas para as quais o edifício foi concebido. A reabilitação é utilizada sempre que se pretende adaptar o edifício para uma utilização diferente daquela para a qual foi concebido ou, simplesmente, torná-lo utilizável de acordo com os padrões atuais.

Analisando o processo de reabilitação do edifício em questão, notamos que o mesmo, pelo fato de ter sido alvo de tentativas de apagamento das evidências dos crimes praticados, encontrava-se bastante deteriorado. No entanto, as obras de restauração foram bastante pontuais: foram corrigidos problemas no telhado afim de evitar infiltrações e as paredes desgastadas pelo tempo foram mantidas exatamente como encontradas no momento em que o espaço foi expropriado.

Em algumas destas paredes, foram encontrados vestígios deixados por ex-prisioneiros. São incisões que podem ser encontradas na Pieza de las Embarazadas e na Capuchita. Tais incisões estão atualmente cobertas por um pequeno tecido e, ao lado, uma fotografia da incisão e uma descrição da mesma. A solução ainda é provisória, uma vez que se pretende instalar uma estrutura no local que permita a visualização da imagem.



**Figura 13:** Marcas na parede.

Hoje, o edifício tem funções diferentes daquelas para as quais foi projetado e destina-se à visitação por parte de estudantes e da população em geral. Em virtude disso, foram instaladas passarelas em madeira e metal nas principais salas do complexo, cobrindo, dessa forma, todo o espaço visitável, de

maneira que o fluxo de pessoas não acabe por comprometer o edifício, nem as evidências nele contidas. Estas estruturas são construídas de forma que seja perfeitamente visível que não são originais no edifício, mas não se sobressaem, são discretas, e mais importante, reversíveis.

De acordo com Henriques (1991, p.4), entende-se por reversibilidade a possibilidade de um dado material ou solução construtiva ser removidos no final de sua vida útil, sem causar danos aos restantes dos materiais que com ela contatarem. O material novo deve poder ser retirado no futuro, quando deixar de cumprir as respectivas funções, sem causar danos aos materiais originais e sem contribuir para a perda da autenticidade da obra que se pretende conservar.

No que tange a questões da manutenção dos valores históricos, da preservação de todas as evidências existentes, relativas à forma como foi construído, as tecnologias utilizadas e as particularidades de sua execução foram preservados, o que fica bastante visível em praticamente todos os cômodos onde é possível ver os problemas na pintura, bem como pequenas rachaduras.

Baseado nas informações disponíveis e numa observação direta do edifício, concluiu-se que não se procedeu a destruição de nenhum elemento para adaptar o espaço ao novo uso, nem se procedeu a reconstrução de nenhum elemento, ou seja, não foram alterados os “traços característicos da passagem do tempo sobre o edifício”, sendo feitos apenas alguns trabalhos pontuais de conservação<sup>4</sup>.

Conclui-se que, apesar de ter sofrido grandes obras de reabilitação, todas são reversíveis ou, pelo menos, como afirma Henriques (1991), não comprometem futuras intervenções e nem o acesso às evidências históricas invisibilizadas.

Os materiais utilizados, principalmente vidro, ferro e madeira, inserem-se de forma harmônica ao edifício em termos de cor e textura, não sendo, em momento algum, confundidos com os materiais originais. A adaptação do edifício para local de visita obedeceu os três critérios que uma intervenção desta natureza deve compreender: compatibilidade-reversibilidade-durabilidade.

---

<sup>4</sup>Vale ressaltar que nos referimos aqui à última campanha empreendida sobre o edifício, que culminou com a sua abertura ao público.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

HENRIQUES, Fernando M. A. *A conservação do património histórico edificado*. Ministério das Obras  
Públicas, Transportes e Comunicações/Laboratório Nacional de Engenharia Civil: Lisboa, 1991.

Recebido em:16/04/2017  
Aprovado em:15/05/2016  
Publicado em:29/06/2017